

## LEMBRANDO AO SINDICATO A ELA...

*Demolir* ou *edificar* são coisas que demandam uma muito cuidada ponderação.

A' primeira vista o acto de destruir parece coisa bem simples; e, de facto, o é, se a nada mais tivémos de atender, do que á necessidade, rial ou *presumida*, de nos desfazermos do imóvel que condenamos á acção presta do camartelo implacavel. Mas se em antes de nos decidirmos, tratarmos de considerar a razão de existencia desse imóvel, a sua função social ou historica, arqueologica ou estetica, a ligação integrativa que possa ter na ampletivação geral do meio topografico em que se encontra, verificaremos que a pretendida demolição nem sempre oferece a facilidade que a principio poderíamos divisar, porque muitas vezes dela teremos que desistir, o que, em boa verdade, não é muito frequente entre nós, onde quasi sempre o estudo previo da obra se limita a dar pronta satisfação ao desejo exposto, até por mera lisonja á iniciativa ocorrida e, em muitos casos, com complicitade da propria arte, ou seja de quem por ela tem imperiosa obrigação de velar.

Entretanto, duvida não pode restar de que a tarefa não é para se efectar com a ligeireza de que, afinal, tanto abusamos.

Ora, se assim é, relativamente a *demolir*, muito mais o é no que diz respeito a *edificar*.

Efectivamente, quer se trate de qualquer casa o mais modesta que seja, ou simples elemento decorativo, temos o dever de os *integrar* no meio a que se destinam, o que, aliás, de nenhum modo pode prejudicar o objectivo *utilitario* ou *estectico* a que vizem. De tal modo, temos de considerar as condições locais nos seus multiplices aspectos, por forma a arredar-se a possibilidade de *exotismos* inadaptaveis, ou *ineditismos* incomportaveis, para não quebrar a harmonia do conjunto, ou seja a expressão propria da fisionomia, e até da estrutura do respectivo local.

Assim vemos que *demolir* e *edificar* são coisas que demandam muito estudo e ponderação, muito cuidado e reflexão.

E se isto se constata quanto a *demolir* e *edificar*, o que diremos ao que diz respeito a *reedificar* e *reconstituir*?

Aí é que é preciso proceder com a maxima circunspecção,

com a mais rigorosa proficiencia, sobre tudo quando se trate de *edificio* ou *monumento* que constituam *documentação* de alguma coisa que haja dever ou devoção de memorar.

Nisso tem de haver, alem da arte, e de tudo que nela se compendia, a *exactidão*, não só do estilo, como da *ideia* e *sentimento*, tanto do *facto*, como da *epoca* que revocam.

O pensamento mais absorvente deve ser o de conservar, *manter*, nesses edificio ou monumento a maior *genuinidade*, utilizando os materiais proprios, por modo a garantir-lhes a mais perfeita *autenticidade*.

Ora isto é bem difficil, se não mesmo impraticavel, visto que o desleixo, a ignorancia, e até a falta de probidade, permitiram quasi sempre a dispersão dos verdadeiros elementos reconstitutivos. Por isso, actualmente, já se deixou mão de *reedificar*, para unicamente se cuidar de *conservar*, com religioso interesse, o que exista, mesmo na mais *reduzida ruina*.

O que se quer é o *verdadeiro*, o *genuino*, aquilo que, embora flagelado por qualquer má orientação e, assim, lamentavelmente decepado, sempre contem muito da *alma do tempo*, e bem melhor ilucida a perquirição consciente do peregrino do «velho», do que qualquer *ampliadação simulada*, que só serviria para *apoucar* senão destruir a respeitabilidade veneranda da «ruina» subsistente.

E porque de tal modo é, assim julgamos oportuno lembrallo, agora que um bem aplaudivel movimento de patriotico interesse pelos nossos monumentos tão gratamente se faz sentir em Barcelos.

Bem sabemos que á frente desse movimento andam pessoas de muita reconhecida competencia, verdadeiros «abades», a quem, parafraseando a velha maxima, desnecessario é «ensinar» o padre nosso.

Mas o entusiasmo muitas vezes desvaira os espiritos mais esclarecidos e, por isso, superfluo de todo não será, sobre tudo quando os intuitos são os mais liais, fazer estas ligeiras reflexões que, por muito elementares que sejam e são, não deixarão de ter cabimento.

Isto cá para nós, muito em segredo... de jornalista!

Esta associação não lucraria —e muito!— se, pondo de parte nuns momentos a sua tão util vida comercial, se dirigisse ao Ministerio da Agricultura, reclamando para os seus socios o *porte e uso gratuito* de armas caçadeiras, mediante atestado abonatorio ou direcção do Sindicato, ou de regedores, ou de juntas?

Queria eu saber de algum socio a opinião que faz desta proposta!

Será má, será boa? Se a acha má, em que o é? Sendo boa, ajudem-me, façam como os criminosos; quando um diz *esfola*, outro exclama o *mata-se*, do estilo.

Não dá gosto nesta vida de imprensa vermos as classes tornarem-se surdo-mudas, ranranmescas, *não-te-raladeiras*, a toda a prova.

Não seja pobre o Sindicato nisto e em tudo o mais, ao menos no pedir.

C. Bacelar

Beijo na face  
Pede-se e dá-se.

João de Deus.

Dá-me um beijo, Amor, senão,  
Cego de raiva e paixão,  
Não sei, não sei o que faças...

Talvez te cubra de beijos  
P'ra matar estes desejos  
—O fogo da nossa Raça!

Um beijo, meu Bem-amado,  
Tem sabor a mel doirado,  
Faz subir ao Paraíso!

Oh dona de olhos tão lindos,  
Gosos taes, gosos infindos,  
Num só beijo teu divisol!

Não respondes... Certamente  
Anues. Quem cala consente,  
Devo sér ousado pois:

Devo roubar-te o que peço  
Porque, emfim, sempre mereço  
Não só um beijo, mas dois!

Desfalesces. Doce arroubo.  
Hora propicia p'ro roubo  
De tão santas intenções!...

Mesmo agora é teu desejo  
Dar azo ao furto de um beijo  
Que valha por dois milhões!

Abril de 1928.

FLOR DO TOJO

## DO PORTO

Quatro comentarios por semana

### Politica papal

A péssima politica seguida ultimamente pelo Papa Pio XI para com os partidários da «*Le Action Française*» começa a desgostar profundamente os verdadeiros católicos, aqueles que não leem pela cartilha do intolerantismo.

Efectivamente, nada justifica as medidas rigorosas tomadas pela curia romana, medidas que só podem redondar em prejuizo do cristianismo.

Ainda há dias, segundo vejo no «*Diario de Noticias*», foi a enterrar civilmente e sem acompanhamento religioso em *Bizenerie* (França) um cidadão prestante e catolico fervoroso porque a Igreja lhe negou os ultimos sacramentos, a pretexto da sua filiação partidária.

E lembrar-se a gente que há 2.000 e tantos anos andou pelo Mundo um homem—o doce Nazaréno—pregando a doutrina da bondade e do amor.

«*Perdoai-lhes, Senhor, não sabem o que fazem*». O fanatismo cega-os.

### Inquinato

Um novo diplôma veio alterar algumas disposições da chamada *lei do inquinato*.

Em beneficio dos senhorios, é claro. Como a hora é das direitas e os proprietarios professam, desde a idade da pedra lascada, ideas conservadoras, tem agora o condão de fazer mecher os *pauzinhos* a seu favor.

Que lhes preste.

### Vinhos verdes

Parece que, finalmente, os vicultôres minhôtos se resolvem a defender os seus interesses ameaçados, pedindo das autoridades competentes a entrada dos *vinhos verdes* em Gaia, séle daquele *abôrto* a que convencionamos chamar *entrepôsto*.

Eu creio que a governação publica deve estar convencida dos perniciosos efeitos que a manutenção daquele *entrepôsto*

está causando ao paiz, creado para satisfazer a vaidade de algum potentado do Douro.

De resto, não é com leis de excepção que a região duriense consegue delebar a crise que atravessa, pois está demonstrado que depois da criação do *entrepôsto* de Gaia a exportação dos *vinhos da Porto* para Inglaterra diminuiu, e consideravelmente.

### Alta reportagem

O jornalista que no ultimo n.º do *Barcelense* descrevia uma visita que fez ao abarracamento «Exposição Zoologica Universal» citava alguns exemplares ali existentes, entre os quais o *macaco* e a *macaca*.

Diabol tanta insistencia na discriminação do sexo faz-nos pensar que...

Zéfos

## Ministro da Justiça

Faz parte do actual ministério um cavalheiro muito conhecido em Barcelos, pois desempenhou nesta comarca durante quasi seis anos, com a maior dignidade e elevação as funções de Juiz de Direito.

E' o sr. Dr. José da Silva Monteiro, ao presente Juiz do Supremo Tribunal de Justiça, que está a dirigir o ministério da Justiça.

Pessoa inteligente e de bom criterio, digno dos maiores respetos, «A Opinião» tem a honra de lhe apresentar as suas mais vivas saudações.



## A democracia

Da «Carta de Lisboa», publicada no n.º 94 do «Janeiro» recortámos os seguintes períodos:

...«Foi, pois um regime de poder pessoal o que arruinou, nos começos do século XX, o Império mais forte do mundo. Fê-lo sossobrar o erro funesto da sua politica internacional; a politica internacional da Alemanha regia-a o Kaiser; o erro de um só homem perdeu sessenta milhões de subditos. O pecado do seu povo—re sume um alemão como Emil Ludwig—consistiu, justamente, em não ter sabido opôr-lhe resistencia.

«Era a autocracia que contribuía poderosamente para dar á Alemanha imperial uma falsa apparencia de força e de ordem. A democracia pelo contrario, faz com que as nações se apresentem aos olhos do observador superficial com debeis, desordenadas, impotentes. Com as ondas desencontradas do voto popular, a democracia costuma ter a nau do Estado em uma perpetua fluctuação.

«Fluctuat nec mergitur» é a divisa do barco, que serve de emblema ao escudo da cidade de Paris. Fluctua, mas não se afunda. Paris, a França republicana fluctua sempre com uma aparente falia de segurança. Mas, esta falta de segurança da nação democratica, entregue ao influxo de todas as correntes de opinião livre, que a sacode, também a sustem. Em troca, a autocracia, o poder pessoal dir-se-ia imutavel. Ninguém lhe resiste, ninguém o discute. Não fluctua. Mas, esta sua força é, ao mesmo tempo, a sua fraqueza. Não fluctua, mas afunda-se. «Mergitur» nec fluctuat.

«Três imperios anti-democraticos entraram na guerra europeia, repartidos pelos dois campos beligerantes. Os tres foram a pique, quando soprou a tempestade decisiva. Em troca, resistiram as fragéis quilhas populares, e a guerra ganharam-na «Clemenceau e o resto da canalhocracia», como dizia o Kaiser ao Czar.

...«O livro de Ludwig mostra como as culpas de um poder pessoal, com a sua errada politica puseram em transe de morte a nação mais solida da Europa.

«Naufragou, sim o navio tentão debaixo do autoeratico mando de Frederico Guilherme Victor de Hohenzollern. E acabou o proprio Kaiser, o proprio Frederico Guilherme foi uma das vitimas».

## Assinem «A Opinião»

O jornal que melhor informa e mais barato custa.

## De relance...

O' Barcelos, ó Barcelos,  
O' Barcelos, ó vadio,  
Cahiste da ponte abaixo,  
Foste beber aqua ao rio.

(Popular)

Uma destas noites, ao desenharse no céu os tons difusos, mas anunciadores dum lindo amanhecer, divagava, pela vila, sosinho, com o espirito preñado de pensamentos mil.

Caminhava ao acaso, cerebro preso ás mais estranhas cogitações, seguindo, com o olhar, os zig-zags dum cigarro que, para afastar nostalgias, fumava nesse instante, quando deparei com outro noctívago.

Era um velho de olhar vivo, scintilante, inteligente, barba branca de jaspe fino, mimosa como arminho, que parecia analisar com minucia todos os logares que, percorriam os dois, insintivamente, e sem a mais leve troca de palavras.

Como um silencio sepulchral se não harmonisa ao temperamento com que Deus houve por bem fadar-me, dirigi, ao acaso, qualquer frase, recebida com um ve-nevol sorriso pelo simpatico velhinho.

Estabelecidas, assim, momentaneas relações, deixamos cair um chumbeiro de perguntas na ancianidade que sempre temos de investigar o genero (sem ser sexual) da pessoa com quem falamos.

A este respeito, todavia, o seu mutismo era esphingico como as piramides egipcias.

Vendo-o numa disposição de se esconder no misterioso silencio dos sarcófagos Pharaónicos, iamnos a despedir-nos, já um tanto amedrontados com a sua aparição, quando, agarrando-nos a lapela, nos disse sêr Barcelense, costumando fazer-nos umas raras visitas, mas infalveis na ocasião dos festejos de Cruzes.

Alem de vir cumprir uma promessa que durava de ha seculos (nesta altura ficamos estarecidos!) procurava sempre analisar os progressos que se iam operando na terra tão pletorica de belezas natas, terra que lhe tinha sido balaço de innocencia ao dar os primeiros vagidos, espalhados, dispersos nos confins dos tempos, nos ecos das suaves encostas dos montes que formam como que um cinto de nossa defeza strategica.

E, então, numa ininterrupta e cronologica descrição historica, mostrou-nos os arcamos lendarios que constituem o repositório heroico e tradicional da nossa vila, bem assim os factos que registam os acontecimentos memoraveis que nos deram vulto e personalidade.

Depois de tantas elucidações sobre a antiguidade, ligando-as com a epoca contemporanea, e de nos haver enunciado que a civilização era, nos seus aperfeiçoamentos constantes, uma se-

quencia do passado, pois «na natureza nada se perde nem nada se cria», como diz Havoisier, afirmou-nos que já no seu tempo se adivinhavam e previam com Julio Verne á frente, os progressos da actualidade.

Vai dahi lembrou-nos que indicassemos aos forasteiros de Cruzes, não o que já existe, porque isso bem o viam, mas sim o Futuro, com os monumentos aos Alcaide de Faria, D. Antonio Barroso e Mortos da Grande Guerra; a Avenida ao rio Cavado; a Water Closet publica; a praça do touros; o campo de aviação; o bairro Social; o Museu na Torre da Porta Nova, etc., etc.

Prendendo-nos deste modo na sua tão atraente descriminação conduziu-nos ao sabôr dos seus caprichos até junto da ramanica ponte cujas pedras talvez milenarias guardam os segredos remansosos do nosso rio encantador e estão ajustadas com a sangue das victimas de antigas pellejas.

Ahi a aragem fresca da manhã, acordou-nos como que de um sonho e quizemos então saber quem era a personagem que, lembrando uma aparição de Dante ou um ente envolto em mitologicas roupagens, assim sentenciosamente nos falava.

Mas, mal esboçamos este principio de natural curiosidade, eis que de um salto se precipita no Cavado, deixando no espaço o eco destas frases:

—Diga aos zoilos que se deixem de bizantinices e que bebam a agua do rio que, hoje, mercê de processos scientificos, se torna chimicamente pura.

Ao longe, o sol rompia alegre e iluminante, descrevendo-nos uma aureola de brilho singular a envolver o busto venerando do Barcelos que ha tantos anos no Cavado vive...

Afinal, veio, com toda a sua velhice dar uma lição aos novos; foi só a isto a que veio,

FLOR DO TOJO

N. R.—Ao nosso estimado colaborador Flor do Tojo rogamos nos desculpe a falta da inserção desta cronica no passado n.º do nosso jornal. Isso se deveu á enorme falta de espaço com que luctamos e ainda ao não termos reparado o assunto que versava. Publicamo-la hoje porque julgamos não ter perdido a oportunidade.

## Chapelaria Ultima Moda

— DE —

ANTONIO MOREIRA

R. Inf. D. Henrique, 5 a 7

Variado sortido em chapéus, bonets e guarda-soes.

Preços sem competencia

## America Show

Despede se hoje do publico de Barcelos este importante circo que há 8 dias nos vem deliciando com espectaculos interessantes, e com alguns numeros de perfeita execução, como sejam, a pequena DORITA que sempre entusiasma o publico com os seus poucos anos e arriscado trabalho de volteio; Géó—homem ou boneco?—um bonito numero e original, habilmente conduzido por José Figueirôa; os IBEROS, artistas portugueses que na escada de equilibrio se impõem pela correção com que executam todo o seu difficil trabalho; Trio Gutemberg, perfectos artistas equestres; os engraçados clowns e os impagaveis *faztudos*, tendo á frente Gambassi, um exímio saltador.

Merece-nos especial referencia a execução dalguns passos de dança pelo lindo cavalo bailarino e que M.<sup>me</sup> Konyot conduz admiravelmente.

Enfim, é um esplendido agrupamento de artistas que sempre nos divertem e nunca cansam.

Fazemos votos para que no proximo ano nos seja dado vêr, novamente, o AMERICA SHOW, pois julgamos que o seu director e proprietario, M.<sup>er</sup> Artur Konyot, deve retirar bem impressionado com o acolhimento que o nosso hospitaleiro povo dispensou a todos os artistas da sua companhia.

Pela gentileza do cartão de ingresso no circo que nos foi fornecido, os nossos agradecimentos.

\* \* \*

America Show dá amanhã o seu primeiro spectaculo em Famação. Aconselhamos, por isso, a quem ainda não viu os seus trabalhos, ir hoje ao Circo, pois vale a pena.

## MODISTA DE CHAPEUS

Elisa Miranda da Silva

98—R. D. Antonio Barroso—100 BARCELOS

Participa a todas as ex.<sup>mas</sup> clientes que já recebeu um completo sortido de chapéus de palha para senhora e criança, os ultimos modelos.

## Concurso mundial de beleza feminina

Em Galveston volta a realizar-se o concurso de beleza, como no ultimo ano.

A Alemanha e a França já tem as suas escolhidas. A Miss Alemanha é Fraülein Hella Hoffmann e Miss França é Mad.<sup>e</sup> Roymand Allain, de 18 anos, filha dum advogado.

Portugal também enviará este ano a sua miss?